

# A PRIMEIRA AULA NINGUÉM ESQUECE. A EXPERIÊNCIA DE JOVENS FORMADORES DO PROGEST

<sup>1</sup> José George Melgaço Souza – george.melgaco@gmail.com

<sup>2</sup> Josilaine Mendes Gomes – gomes.jmz@gmail.com

<sup>3</sup> Jane Eyre R. M. Ferreira – janeeyre@engetower.com.br

<sup>4</sup> Antônio P. N. Tomasi – tomasi@uai.com.br

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Avenida Amazonas, nº: 7675, Bairro Nova Gameleira

30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais

**Resumo:** *Jovens alunos de cursos de Engenharia do CEFET-MG entram pela primeira vez em sala de aula como “professores”, ou melhor, como Formadores de trabalhadores da Construção Civil inscritos nos cursos de capacitação de mão de obra oferecidos pelo grupo de pesquisa Programa de Estudos e em Engenharia, Sociedade e Tecnologia – PROGEST. Um Grupo Focal, com sete Formadores, revelou as dimensões da inexperiência e da timidez dos jovens em sala de aula frente as situações inesperadas, mas também suas expectativas e descobertas. Sem que percebam, pelo menos num primeiro momento, enquanto eles formam os trabalhadores eles são também formados. Resta-nos então perguntar: em que as experiências vividas como Formadores por esses jovens futuros engenheiros contribuirão para a sua formação profissional?*

**Palavras-chave:** *Formadores, Experiência, Formação de profissional, Primeira aula.*

## 1 INTRODUÇÃO

A primeira aula ninguém esquece, especialmente quando é a primeira vez que se entra em sala de aula como Professor, ou melhor, como Formador, denominação utilizada em substituição à de Professor, para distinguir o caráter profissional contido nesse termo. Para marcar o caráter educativo da atividade não se utiliza, também, o termo instrutor, de emprego usual em programas de capacitação profissional de trabalhadores.

É o caso dos alunos de Engenharia do CEFET-MG que participam como Formadores do Grupo de Pesquisa *Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia (PROGEST)*. Sem qualquer experiência ou formação docente clássica que os habilite ao exercício do magistério, eles se deparam com inúmeros desafios ao entrarem pela primeira vez como Formadores em uma sala de aula. Aos poucos, entretanto, eles constroem estratégias de superação das dificuldades, desenvolvem métodos de ensino a partir de suas próprias experiências ou de colegas.

---

<sup>1</sup> Aluno da Graduação em Engenharia Elétrica e Formador no PROGEST-CEFET/MG.

<sup>2</sup> Aluna da Graduação em Engenharia Elétrica e Formadora no PROGEST-CEFET/MG.

<sup>3</sup> Aluna do Mestrado em Educação Tecnológica e pesquisadora no PROGEST-CEFET/MG.

<sup>4</sup> Professor do Mestrado em Educação Tecnológica e líder do grupo de pesquisa PROGEST-CEFET/MG.

O *PROGEST* oferece aos alunos de Engenharia do CEFET-MG e mesmo de outras instituições de ensino superior, a oportunidade de participarem do processo de capacitação de trabalhadores de construção civil em Gestão de Obras ou Instalações Elétricas Prediais. A cada capacitação, na verdade, se constitui na parte empírica de pesquisas desenvolvidas por alunos do ensino técnico, da graduação e da pós-graduação e de professores ligados ao *PROGEST*.

Todos os sábados, alunos do CEFET-MG ligados ao Grupo de Pesquisas e operários da construção civil contratados por empresas do setor se encontram numa importante troca de experiências e conhecimentos.

## 2 BRINCANDO DE ENSINAR E ENSINANDO COM SERIEDADE

As crianças freqüentemente reproduzem em suas brincadeiras o seu universo familiar, cultural, social e psicológico. Imitar os adultos e suas atividades domésticas e profissionais faz parte dos jogos lúdicos nos quais elas se envolvem. Imitando, elas aprendem, incorporam regras, valores e princípios da vida social. As atividades dos professores, as relacionadas ao ensino e à condução da sala de aula, parecem ser uma das preferidas das crianças em suas brincadeiras. Logo que passam a freqüentar a escola elas costumam representar os professores em seus jogos e brincadeiras, reproduzindo as atividades desse profissional e, até quanto conseguem perceber, as dinâmicas da escola e da sala de aula.

Ao longo da vida, sobretudo para os que avançaram em sua escolarização, as práticas do magistério tornaram-se familiares: a preparação da disciplina, a exposição do conteúdo ou a matéria ensinada, o relacionamento com os alunos, a correção de trabalhos e provas, enfim, muito da dinâmica que encerra a atividade do professor, bem como a gestão das demais atividades escolares. O contato com os professores, por vários anos, pode ensinar-nos, por imitação, essa profissão ou, pelo menos, podemos dizer que muitos jovens estudantes, conhecem muito mais o trabalho dos professores do que o de muitos outros profissionais com os quais eles convivem freqüentemente. Talvez seja possível afirmar que um aluno de engenharia, por exemplo, conheça mais da profissão de professor do que a de engenheiro, profissão que será sua em muito pouco tempo.

Embora o “hábito não faça o monge”, como nos assegura o ditado popular, ainda que consideremos o hábito, na verdade, a materialização de um processo de construção social da profissão e da identidade profissional, não há como não se admitir que muitos professores iniciaram suas carreiras tendo como referência importante esse “hábito”. Para entrar pela primeira vez em sala de aula como professores eles levaram consigo, em suas lembranças, os seus antigos professores e seus modos de exercer suas atividades e a sua própria condição de alunos vivida no passado nos bancos escolares. Claro, eles levaram, também, muitos dos seus valores e princípios, talvez as únicas coisas que possam chamar de suas. Assim, muitos bons professores que conhecemos hoje, entraram na sala de aula, da noite para o dia, e com ela tiveram que lidar como se, há muito tempo, professores fossem.

É bem verdade que dos professores da escola fundamental e ensino médio é exigido um curso de Licenciatura em que disciplinas como psicologia, sociologia, prática de ensino, entre outras, são ministradas com o intuito de melhor preparar os futuros professores desses níveis de ensino para os problemas que enfrentarão no seu cotidiano de sala de aula. O “fim” do modelo de formação de professores conhecido como 3+1<sup>5</sup> e a sua substituição por cursos específicos de Licenciatura em Física, Química, Matemática etc. é uma tentativa de melhor preparar os futuros professores desse nível de ensino, de profissionalizá-los. Desses

---

<sup>5</sup> O modelo clássico de formação de professores é também conhecido pela denominação sistema 3+1 porque acrescenta aos três anos de bacharelado mais um ano de Didática.

professores espera-se melhor preparo e ações profissionais, entretanto, o que esperar dos que jamais passaram por tal preparação? Dentre esses, muitos se dedicam aos cursos superiores. Nesse nível de ensino nenhuma exigência dessa natureza é feita aos professores que contam na grande maioria das vezes com muito pouco, além das experiências acima relatadas, para conduzirem a sua primeira aula, assim como todo o curso sob sua responsabilidade.

Se, podemos imaginar que esse desafio é grande para os profissionais da engenharia, por exemplo, que ministram aulas para alunos do ensino superior deste ou de outros cursos correlatos, podemos mensurar o desafio que os alunos desses mesmos profissionais terão para, também, ministrar aulas, não para alunos como eles próprios, o que já seria muito, mas para trabalhadores, mais precisamente operários. Como viverão essa experiência?

Estamos nos referindo aos alunos dos cursos de Engenharia do CEFET-MG que ministram aulas para trabalhadores da Construção Civil nos cursos de capacitação de trabalhadores mantidos pelo Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia – PROGEST. No caso, em que as experiências vividas por eles como Formadores contribuirão para a sua formação profissional?

## **2.1- Outro olhar sobre a formação profissional**

Os estudos sobre a formação profissional, no Brasil ou na Europa, por exemplo, são antigos e datam, sobretudo, do período pós 2ª guerra mundial. Inicialmente ligada à educação ou à prática escolar, onde visava contribuir para o desenvolvimento das pessoas e o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos ela se desloca nos anos 1970 em direção ao ambiente empresarial, cujos interesses substituem os dos sujeitos.

Esse deslocamento se confunde com as mudanças (econômicas, financeiras, tecnológicas e organizacionais) ocorridas no mundo do trabalho neste período, quando os novos sistemas de produção ocupam de forma importante os espaços de produção de bens e de serviços.

No plano da formação profissional, então, ganham relevância as preocupações com o desenvolvimento das competências, modelo construído, à luz da novas correlações de força postas no mundo do trabalho. (PERRENOUD, 1996 e ZARIFIAN, 1995)

Os estudos conduzidos por Guy Jobert, 2006, que tratam da formação ao longo de toda a vida, distante dos princípios clássicos da educação, tomam o trabalhador, seus valores e interesses, como referência para o desenvolvimento de programas de formação profissional.

Este autor contesta o conceito de “massa crítica” presente nos anos 70 em que as transformações das estruturas sociais aparecem como efeito das somas das transformações individuais. Ele considera contraditório o objetivo de transformação da sociedade por meio de influências exercidas sobre os indivíduos.

Para ele, os estudos realizados ao longo de pelo menos 40 anos evidenciam que a ação dos formadores se dá a partir de “*três entradas*” e trata-se de termo utilizado para distinguir os tipos de intervenções realizadas pelos formadores sobre *as pessoas*, sobre *as estruturas* e sobre *o trabalho*, respectivamente.

As salas de aula do PROGEST, longe de reproduzirem as salas de aula tradicionais que conhecemos, são o lugar onde os interesses dos trabalhadores dão forma aos programas de formação profissional. Se, por um lado, o PROGEST propõe conteúdos e uma dinâmica de aula, por outro lado, os trabalhadores apontam as mudanças necessárias no curso e o fazem mudar.

Se os Formadores levam para a sala de aula a sua experiência como alunos do curso de engenharia e, por vezes se vêem tentados a reproduzi-lo nos cursos de capacitação do PROGEST, ou replicá-lo como nos mostra Cruz, Fabrício (2008), em seu artigo. Por outro, não há como não dialogar com os trabalhadores sobre suas demandas e a elas atender.

Mas, mais do que isto e, igualmente importante, as salas de aula do PROGEST são, também, o lugar em que os interesses dos Formadores, trabalhadores voluntários, se fazem sentir. Eles levam para a sala de aula suas expectativas, apreensões, mas também e desejos de aprender alguma coisa, que fazem parte de seus projetos pessoais. Dito de outra forma, os Formadores, sem que percebam, pelo menos num primeiro momento, enquanto formam os trabalhadores, são também formados.

### **2.3- Os cursos de capacitação profissional do PROGEST e os Formadores**

O CEFET-MG mantém desde 2003, por meio do *Grupo de Pesquisa Programa de Estudos em Engenharia, sociedade e Tecnologia – PROGEST*, cursos de formação profissional destinados a trabalhadores, na grande maioria da Construção Civil, e relacionados às funções e ofícios deles nesse setor (TOMASI, 2003).

Os cursos procuram levar até os trabalhadores os conhecimentos da academia, por ela produzidos ou reproduzidos. Em consonância com as expectativas dos trabalhadores os cursos favorecem a sua progressão profissional e a mobilidade interna ou externa ao setor. Da mesma forma, em consonância com as expectativas dos Formadores, o curso abre uma nova alternativa profissional para eles, no caso o magistério, ou prepara-os melhor para o exercício futuro da engenharia.

Os cursos são, também, uma importante fonte de dados para as pesquisas desenvolvidas por professores e alunos da graduação e da pós-graduação ligados ao PROGEST.

São os seguintes os cursos de capacitação oferecidos: Gestão de obras com 240 horas distribuídas em dois semestres letivos e oito horas aos sábados e o curso de capacitação em Instalações Elétricas Prediais com 120 horas distribuídas em um semestre letivo e oito horas aos sábados.

São os alunos dos cursos de engenharia do CEFET-MG, chamados de Formadores, que, orientados por professores, ministram aos trabalhadores aulas de diferentes disciplinas.

Os Formadores, matriculados em seus cursos de engenharia, jamais ministraram aulas em toda a sua vida e, muitos deles, nunca tiveram uma relação tão próxima com os trabalhadores da Construção Civil como a que têm no PROGEST.

Ao entrarem em sala de aula na condição de Formadores eles se defrontam com uma sala com 40 trabalhadores, muitos deles há vários anos na Construção Civil e bastante experientes em seus ofícios.

Os Formadores, que, habitualmente, se encontram entre o 3º e o 8º período de um dos cursos de engenharia do CEFET-MG, assumem as salas de aula do PROGEST a partir do convite de integrantes mais antigos dos cursos de capacitação.

Além da disponibilidade do aluno, os critérios mais importantes para assumir uma sala de aula são o conhecimento da disciplina que pretende lecionar e o interesse demonstrado nos trabalhos do PROGEST.

## **3 A METODOLOGIA DE PESQUISA**

Em função do número de entrevistados Formadores (sete) e da necessidade de pesquisar alguns elementos relativos às atividades dos mesmos, em sala de aula, optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa, partindo-se, indutivamente, dos dados fornecidos pelos entrevistados e reunidos em um Grupo Focal. Além disso, foram utilizando os comentários escritos nos “relatos de experiências” de cada Formador.

O curso destinado a eletricitas prediais, trabalhadores empregados ou autônomos da construção civil da região metropolitana de Belo Horizonte, tem a duração de 120 horas,

ocorre aos sábados, durante um semestre. A proposta de curso tem ênfase em melhorar os conhecimentos acadêmicos dos participantes para que eles possam usar as experiências que já possuíam de forma melhor e mais segura, além de desenvolver as capacidades de liderança e relação interpessoal. O programa das disciplinas com a carga horária de cada uma delas está retratado na Tabela 1.

**Tabela 1 – Relações das disciplinas e carga horária do curso de Instalações Elétricas Prediais.**

Disciplinas	Carga Horária
Informática	16
Matemática Aplicada	20
Linguagem para Fins Profissionais	10
Eletricidade Básica	20
Leitura de Projetos Elétricos	16
Proteção de Equipamentos	12
Segurança em Instalações	10
Instalações Elétricas	16
Total	120

**Tabela 2– Perfil dos Formadores do curso de Instalações Elétricas Prediais.**

Formador	Sexo	Idade	Tempo de atividade no PROGEST (meses)	Período Escolar
1	Masculino	20	4	5
2	Feminino	21	4	4
3	Masculino	21	4	7
4	Masculino	22	23	6
5	Masculino	20	4	5
6	Masculino	19	4	5
7	Feminino	23	12	3

## 4 ANÁLISES E RESULTADOS

As análises dos depoimentos colhidos no Grupo Focal foram feitas a partir dos seguintes elementos: a atração que o PROGEST exerce sobre os alunos de engenharia do CEFET-MG; os problemas encontrados em sala de aula pelos Formadores; como superaram os problemas; o que aprendem ou ganham com a experiência de sala de aula.

### 4.1- A atração que o PROGEST exerce sobre os alunos de engenharia do CEFET-MG

A possibilidade de estabelecer um “elo” entre os saberes teóricos e técnicos que transitam na academia e os saberes práticos dos alunos do PROGEST que atuam na área e possuem experiência profissional motivam o trabalho dos Formadores; além da experiência na área do magistério somada à possibilidade de desenvolverem habilidades pessoais, tais como falar em público e manter uma linha de raciocínio clara que os tornem melhores compreendidos pelos alunos.

Os depoimentos dos formadores indicam que ingressaram no *PROGEST* por ouvirem de forma entusiasmada de seus outros colegas as experiências didáticas que eles estavam vivenciando. Os novatos dizem estar interessados em ter experiências como “professores” e poder estabelecer as trocas teóricas e o conhecimento prático que os alunos oferecem, além de aperfeiçoar sua habilidade de expressão oral.

*“Aceitei a matéria com receio, pois em toda minha vida acadêmica tive dificuldade de falar em público.”*, (Formador 4).

#### **4.2- Os problemas encontrados em sala de aula pelos Formadores**

Dentre os problemas encontrados pelos Formadores destacamos alguns que apareceram com maior frequência em seus depoimentos:

##### *Heterogeneidade das turmas*

A heterogeneidade do nível de conhecimento da turma se mostrou muito acentuada e revelou-se um problema para alguns dos Formadores, levando-os a desenvolver uma maneira de contornar essa situação.

##### *A idade dos trabalhadores*

A idade dos alunos influencia no aprendizado e no comportamento em sala de aula, tornando o ato de lecionar mais difícil. Registra-se a existência de uma variação da habilidade de assimilação entre os integrantes da classe que eles creditam à idade dos alunos:

*“alguns possuem idade avançada e é necessário maior atenção e tempo para um aprendizado satisfatório do conteúdo por parte deles.”*

Os alunos dos cursos geralmente são profissionais procurando melhorar sua qualificação na área e, conseqüentemente, são mais velhos que os Formadores que os ensinam. Esse fator é tem uma face positiva e outra negativa: é esperado que essas pessoas sejam mais sábias e saibam aproveitar o conhecimento que lhes é oferecido, trocando as experiências com os colegas e melhorando sua capacidade; também é esperado que os alunos se sintam suficientemente superiores, a ponto de não manterem a disciplina em sala, visto que seus Formadores são jovens adultos e, por isso, talvez pensassem que não mereçam o devido respeito.

A primeira situação é freqüente:

*“Posso dizer que ao final da aula o que mais me surpreendeu foi a disposição que os alunos de mais idade apresentaram. Eu imaginava que para eles seria mais difícil, devido à possibilidade de estarem afastados dos estudos há muito tempo e por isso apresentariam dificuldades. Mas ao que parece, isso serve de incentivo para que eles dêem o melhor de si.”* (Formador 2)

Isto mostra que a idade não é considerada um empecilho ao aprendizado pelos alunos, mas sim um fator importante para se empenharem mais.

Já a segunda é um pouco rara, segundo os entrevistados, mas às vezes são relatadas algumas situações bastante tensas entre os jovens Formadores e seus alunos mais problemáticos. Não é fácil para eles lidar com uma pessoa indisciplinada e mais velha: a boa educação manda respeitá-la por ser alguém mais experiente, atitude que é historicamente incentivada; mas como manter a disciplina e controlar as atitudes de indivíduos de idade

avançada? Essa pergunta é respondida pelos participantes da pesquisa e a maioria disse que muitas vezes um pedido educado já resolve o problema, mas deixam claro o constrangimento no ato da abordagem. O fato é que, devido a inexperiência em lecionar por parte dos Formadores, enfrentar uma classe assim é gratificante e, ao mesmo tempo, constrangedor quando é preciso exigir o bom comportamento para o andamento da aula.

#### *O conhecimento técnico dos alunos*

Da mesma forma, o nível técnico dos alunos ou o seu conhecimento profissional, a necessidade e o interesse de cada aluno influenciam no aprendizado e no comportamento em sala de aula, tornando o ato de lecionar mais difícil.

#### *Interesses e necessidades diferentes*

Cada aluno tem um interesse diferente. A necessidade e o interesse de cada aluno influenciam no aprendizado e no comportamento em sala de aula, tornando o ato de lecionar mais difícil.

#### *Falta de experiência*

Gasta muito tempo na exposição de um conteúdo e planejar mal a distribuição do conteúdo.

Atrasos e erros no planejamento da distribuição do conteúdo no tempo estabelecido do curso também representaram um importante obstáculo para a maioria dos entrevistados: como a experiência de ensino é quase nula, pouco conteúdo demanda muito tempo para ser trabalhado.

#### *A atividade do Formador*

O trabalho de preparação de aula é muito pesado, toma muito tempo e exige muita responsabilidade. Eles têm, ainda, que realizar suas atividades como alunos dos cursos de engenharia, o que torna a atividade de Formador ainda mais penosa.

Considerando que grande parte dos entrevistados é de cursos de graduação nas diferentes áreas de engenharia do *CEFET-MG*, e que essa área de formação exige muita dedicação de seus participantes, preparar aulas, aprender e reaprender os conteúdos a serem dados, formular e corrigir trabalhos e provas, entre outras atividades que precisam ser desenvolvidas para se manter um bom curso, necessitam de muito empenho e responsabilidade para que se tenha um bom desempenho tanto enquanto alunos de graduação, quanto como Formadores. Ou seja, é uma situação pesada que poucos suportam, afirmação que pode ser facilmente comprovada observando a freqüente troca de Formadores de diferentes matérias dos cursos oferecidos no *PROGEST*.

Apesar de estar desenvolvendo suas atividades em regime de voluntariado, isso não se mostra empecilho no desempenho dentro de sala de aula, pois quando realizam esse trabalho sem a esperança de um retorno financeiro, fica evidente o compromisso assumido de boa vontade pelos Formadores. Ora, assumir a responsabilidade de ensinar voluntariamente, considerando que outras atividades precisam ser desenvolvidas como alunos de graduação constitui uma espécie de “contrato” implícito, onde os entrevistados se comprometem a lecionar com entusiasmo e seriedade, visto que enfrentam esse desafio por vontade própria. É clara a diferença entre pessoas que participam de algum projeto voluntariamente e outras que participam recebendo bolsas ou salários, quando observado

dentro do *CEFET-MG*: os participantes de programas voluntários geralmente são mais comprometidos e desenvolvem trabalhos com prazer, sem o peso de serem obrigados a gerar resultados em troca de uma receita. Sendo assim, mesmo que alguns Formadores considerassem um pagamento bem vindo, foi observado que a maioria trabalha, voluntariamente, tanto quanto outros indivíduos bolsistas participantes de outros projetos, mas com menos tensão e, muitas vezes, com melhor qualidade.

Considerando a idade dos alunos, o fato do voluntariado e as dificuldades, o término do curso é gratificante para os Formadores em vários sentidos.

### **4.3- Como resolvem os problemas**

*Inspiram-se em seus próprios professores:* Ao se depararem com as primeiras dificuldades os Formadores buscam apoio na figura de seu professor de graduação, sua dinâmica de aula, modo de agir frente problemas inesperados e que apesar de apresentarem algumas diferenças, podem, no geral, servir de exemplos aos Formadores em situação de aula e os ajudam a resolverem uma situação imprevista.

*Pesquisam métodos de ensino:* de início os Formadores se valem basicamente do conhecimento teórico adquirido, sobretudo, no curso de engenharia, para elaborar suas aulas. Com o passar do tempo e, um maior contato com os alunos, os Formadores começam a perceber as dificuldades destes buscando com professores de engenharia ou com outros colegas mais experientes métodos que os ajudem a conciliar da melhor forma a teoria e a prática na sala de aula.

Entretanto, os Formadores se inspiraram em seus próprios professores de graduação, pesquisaram e se utilizaram de métodos para amenizar os efeitos negativos causados por esses fatos. Isso mostra o quanto os participantes da pesquisa se empenharam em fazer o que consideram ser o “melhor” como Formadores, dentro de seus próprios limites de disponibilidade e conhecimento.

### **4.4- O que aprendem ou ganham com a experiência?**

#### *Troca de experiências*

Primeiramente, a constante troca de experiências e o convívio com os trabalhadores desenvolve uma relação de respeito e afeto, proporcionando aos entrevistados certo orgulho quando seus alunos conseguem alcançar seus objetivos, principalmente por se tratarem de pessoas com uma certa idade. Também se pode citar a satisfação própria em estar trabalhando como “professor” por parte dos Formadores, uma profissão que, apesar de não valorizada financeiramente em nosso país, ainda possui certo *glamour* intelectual dentro da sociedade.

Essa experiência em ensinar proporciona aos entrevistados uma visão melhor do cotidiano de seus próprios professores, o que os leva a vivenciar dilemas como as preocupações em se dar uma boa aula e com o efetivo aprendizado de seus alunos, mostrando as dificuldades da profissão e o quão louvável ela é:

*“Gosto muito de dar aula, estar dentro de uma sala de aula onde todos os alunos o respeitam e o admiram é bastante gratificante, mesmo porque você como aluno torna a ver o lado do seu próprio professor e começa a notar o quanto é difícil dar uma aula e a tamanha preocupação de um professor com os seus alunos na questão da compreensão das matérias aprendidas por eles.” (Formador 4).*

Com o passar do tempo, a dicção é melhorada e a timidez é vencida, graças às diferentes técnicas utilizadas em classe, fato relatado por todos os entrevistados.

Esse é um objetivo comum entre os Formadores: melhorar a relação interpessoal e falar melhor em público. Todos alcançam esse objetivo ao final de seus cursos: aprendem a conviver com diferentes pessoas e a abordá-las, tanto em situações boas como um elogio quanto em situações ruins como um ato indisciplinar ambas importantes para suas futuras profissões nas diferentes áreas da engenharia. Apesar de terem sido relatadas outras experiências e objetivos alcançados, o artigo se resumirá nos que já foram abordados até aqui.

### *A responsabilidade*

Considerando que grande parte dos entrevistados é de cursos de graduação nas diferentes áreas de engenharia do *CEFET-MG*, e que essa área de formação exige muita dedicação de seus participantes, preparar aulas, aprender e reaprender os conteúdos a serem dados, formular e corrigir trabalhos e provas, entre outras atividades que precisam ser desenvolvidas para se manter um bom curso, necessitam de muito empenho e responsabilidade para que se tenha um bom desempenho tanto enquanto alunos de graduação, quanto como Formadores. Ou seja, é uma situação pesada que poucos suportam, afirmação que pode ser facilmente comprovada observando a freqüente troca de Formadores de diferentes matérias dos cursos oferecidos no *PROGEST*.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados mostraram que a primeira experiência como Formador realmente mostra-se inesquecível. Os relatos dos trabalhadores, tanto profissionais quanto pessoais, consistem grande aprendizado e lições de vida para os entrevistados. Um pouco das frustrações em seus trabalhos, por se tratarem de empregados, são compartilhadas com seus “professores”, sendo esses futuros profissionais gerenciadores desse tipo de trabalhador. Essas experiências consistem uma fonte de opinião e ajudam a melhorar a maneira como são tratadas as pessoas no ambiente de trabalho, proporcionando, dentre vários pontos positivos, um melhor desempenho. Como já foi dito, os entrevistados sentem-se gratos por terem vivenciado essa experiência como “professores” e por terem alcançado várias melhorias profissionais e pessoais.

O ambiente desenvolvido no *PROGEST* é de companheirismo e respeito. Apesar das dificuldades que todos os Formadores têm em suas primeiras aulas, os veteranos ajudam e dão dicas para melhorar os métodos de ensino. Mudanças e problemas são discutidos por todo o grupo e todo tem a opinião respeitada, sendo qualquer decisão tomada de forma democrática.

Esse tipo de atitude, dentro de um grupo voluntário como o *PROGEST*, colabora para o bom relacionamento entre os integrantes, que, por sua vez, ajuda a manter a qualidade dos cursos.

*“Prezo muito as pessoas que estão trabalhando comigo, nosso ambiente de trabalho é bastante dinâmico e democrático. Nossas decisões são previamente discutidas e analisadas para chegarmos a um consenso para o desenvolvimento do projeto que no qual, tanto eu como os outros integrantes do grupo de pesquisa, defendemos.”*  
(Formador 4).

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Fabrício Rossi. **A Importância da Capacitação Profissional para os trabalhadores da Construção Civil** – CEFET/MG. Belo Horizonte; CEFET/MG. TCC. dez/2008.

JOBERT, G. **Les formateurs d'adultes et l'idéologie du changement**, Comité Mondial pour l'éducation et la formation tout au long de la vie, Paris, UNESCO, 2006.

LAUDARES, J. B., TOMASI, A.P.N. "O técnico de escolaridade média no setor produtivo: seu novo lugar e suas competências", in **Revista Educação & Sociedade**, Campinas: vol.24, no. 85, dezembro de 2003.

MEIRIEU, P., **Éducation et formation tout au long de la vie**, Comité Mondial pour l'éducation et la formation tout au long de la vie, Paris, UNESCO, 2005.

MERLE, V. **Apprendre tout au long de la vie : pourquoi, comment?**, Comité Mondial pour l'éducation et la formation tout au long de la vie, Paris, UNESCO, 2006.

ROPE, F., TANGUY, L., **Savoirs et Compétences - De l'usage de ces notions dans l'école et l'entreprise**, Paris, Editions l'Harmattan, 1994, 243p.

TOMASI, A.P.N. A modernização da Construção Civil e os impactos sobre a formação do engenheiro no contexto atual, COBENGE, RJ, 2003.

TOMASI, A.P.N. (org.) **Da qualificação à competência: Pensando o século XXI**. I/Campinas: Editora Papirus, 2004.

PERRENOUD, P. Enseigner. Agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude, Paris: ESF, 1996.

## **NOBODY FORGET THE FIRST CLASS. THE EXPERIENCE OF YOUNG TRAINERS OF PROGEST**

**Abstract:** *Young students of CEFET-MG engineering courses enter for the very first time in the classroom as "teachers" or else, as trainers of construction workers registered in qualification courses offered by the research group Studies on Engineering, Society and Technology Program - Progest. A focus group with seven trainers, revealed the dimensions of the inexperience and timidity of youth in the classroom face the unexpected situations, but also their expectations and discoveries. Without realizing it, at least initially, as they form the workers they are also formed. It remains for us the question: what the experiences of these young future engineers as trainers will contribute to their professional career education?*

**Key-words:** *Trainers, Training of professional, First class.*